

UNIDADE 1 – 23/05/2017

PROGRAMA 1 – APRENDER A LER E ESCREVER LENDO E ESCREVENDO

A organização do trabalho pedagógico (ou É possível comer formigas e rãs?): o letramento como horizonte político no Ensino Fundamental.

Cecília Goulart¹

I – A organização pedagógica da sala de aula da professora Neli

O movimento de ensino-aprendizagem na turma da professora Neli envolve sempre grande participação das crianças. É uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de escola pública municipal; quase todas as 32 crianças têm 8 anos, algumas têm um pouco mais. A maioria já lê e escreve, enfrentando ainda diferentes dificuldades, comuns ao percurso de quem aprende a complexa linguagem escrita. Algumas crianças apresentam pouca autonomia nessas atividades, dependendo da ajuda da professora e de colegas. Não há, entretanto, exercícios especiais para essas crianças – todas participam da dinâmica da sala de aula igualmente.

É bom ressaltar, que nos momentos mais específicos de leitura e de escrita, Neli procura estar mais próxima das crianças citadas, fazendo intervenções e animando-as a ler e a escrever, reforçando-lhes a capacidade que têm para aprender como os demais, embora em ritmo mais lento. Conjuntos de letras móveis estão sempre disponíveis para todas as crianças se exercitarem nas palavras que gerem dúvidas, no caso das atividades de escrita. Quando Neli não pode se dedicar a esse tipo de atenção, solicita que leiam e escrevam junto com um colega, indicando-lhes um par, que a professora evita que seja sempre o mesmo. Neli acredita que diferentes parcerias possam favorecer diferentes situações de aprendizagem: “Muitas vezes, não aprendemos de um jeito, mas aprendemos de outro”, diz ela, confiante nas possibilidades de ensinar e aprender de seus alunos.

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Letras. Pesquisadora do CNPq.

UNIDADE 1 – 23/05/2017

A organização do trabalho pedagógico, envolvendo atitudes como a acima mencionada, vem sendo construída desde o começo do ano, quando os alunos discutiram os objetivos apresentados pela professora para o trabalho que desenvolveriam naquele ano e o que precisariam fazer para alcançá-los. A lista de normas abaixo foi elaborada coletivamente pela turma, fazendo parte dessa organização.

- 1- Escutar quando alguém está falando.
- 2- Pendurar a mochila no gancho.
- 3- Não falar junto com outras pessoas.
- 4- Não agredir o colega.
- 5- Não jogar lixo no chão.
- 6- Não gritar na sala.
- 7- Não riscar as mesas.
- 8- Não colocar os pés na parede.
- 9- Colaborar para que todos aprendam.
- 10- Cuidar do material coletivo.
- 11- Receber gentilmente as visitas.
- 12- Deixar sempre a sala arrumada.

Observando as normas acima, vemos que a professora e as crianças estão se responsabilizando pelo bom funcionamento das aulas, pelos materiais e pelo próprio espaço em que atuam. Responsabilizam-se também pela aprendizagem que ali ocorre, comprometendo-se a colaborar para que todos aprendam. O compromisso foi tão seriamente firmado que algumas crianças começaram a copiar as normas no caderno, dizendo que era para não esquecer. A partir daí, todos entenderam a necessidade de ter esse texto coletivo escrito no caderno. Ao longo do ano, muitas vezes, as normas foram lembradas e citadas pela professora e por alunos, quando alguém as descumpria ou tentava justificar alguma infração.

UNIDADE 1 – 23/05/2017

A situação pedagógica que vamos relatar e comentar neste artigo aconteceu no mês de maio, quando as crianças da turma em questão estavam envolvidas com falas das mães sobre suas vidas. A propósito do Dia das Mães², comemorado no segundo domingo de maio, a professora conversou com os alunos sobre características das mães, de suas vidas, atividades, famílias, gostos etc. Chamou a atenção de Neli, entretanto, que a maioria das crianças soubesse pouco sobre a origem de suas mães e características de suas vidas. Comentou essa observação com as crianças, indagando se elas gostariam de saber mais sobre as mães, argumentando que saber mais sobre as mães seria saber mais sobre eles próprios, sobre suas histórias. As crianças ficaram animadas e combinaram que fariam entrevistas com as mães e outros familiares, para conhecê-las melhor. Organizariam um álbum com as histórias das mães e outras que fossem recolhidas por eles, significativas para a vida das crianças.

A turma organizou um roteiro de perguntas que começava focalizando o lugar e a data de nascimento das mães, e seguia dirigindo-se aos pais da mãe, avós das crianças, suas profissões, seus modos de vida, assim por diante. Uma das perguntas solicitava que a mãe ou a pessoa que ocupasse este lugar na família lembrasse alguma coisa engraçada ou curiosa sobre a infância, algo que nunca mais tivesse esquecido. As respostas foram sendo organizadas pelas crianças individualmente, no caderno de meia pauta, e pela professora, em bloco, procurando agrupar características das mães ou responsáveis e de suas histórias de vida. As falas sobre as experiências curiosas e inesquecíveis foram listadas e lidas por todos, gerando questionamentos e também risadas.

Chegamos agora à questão que quero destacar e analisar. Entre recordações de brinquedos construídos artesanalmente em casa e de medos vividos, a fala de duas mães ganha a atenção das crianças. A fala de uma delas referia-se à lembrança que tinha de sua avó dizendo que comer formiga era bom para os olhos. A lembrança destacada pela outra mãe era de pegar rãs com colegas, num valão que havia perto da casa em que morou na

² Na escola em que Neli trabalha, as professoras têm refletido sobre o sentido de comemorar datas fixas do calendário, que envolvem pessoas e datas cívicas ou religiosas, como o dia das mães, dos pais, do índio, dia do descobrimento do Brasil, dia da Páscoa, entre outras. De um modo geral, esses festejos se dão de modo acrítico, para cumprir uma tradição, descompromissados das histórias das famílias, do país, das cidades, gerando comemorações estereotipadas, distanciadas das realidades de vida das crianças. Acontecem como se todas as crianças tivessem mães, pais, recebessem ovos de Páscoa, etc.

UNIDADE 1 – 23/05/2017

infância, e levar para ser preparada para o almoço.

As duas falas geraram um grande espanto nas crianças, ao serem levadas a considerar formigas e rãs como alimentos. A professora procurava administrar a discussão, observando o que estava sendo falado: “Só pode comer carne de boi, porco, galinha e peixe”, diziam alguns, com a concordância de outros. “Rãs, sapos e formigas têm veneno”, dizia um menino, argumentando sobre a impossibilidade de consumo de formigas, rãs e também de sapos. Outras crianças procuravam ouvir dos dois colegas, cujas mães deram os depoimentos, se era verdade que as mães tinham comido formigas e rãs. Aos poucos, a professora começou a fazer perguntas que pudessem levar as crianças a outras reflexões. Será que todas as pessoas do mundo comem as mesmas coisas? Será que todos nós comemos a mesma coisa? O que os animais comem? Quem lembra o nome do animal que come formigas – encontrado em uma história –, que tem o focinho comprido para pegar formigas dentro do formigueiro? Precisamos buscar informações sobre o assunto.

Os depoimentos das duas mães passaram também a orientar o trabalho daquela classe, que, ao mesmo tempo, ia produzindo o álbum para ser apresentado às famílias, ilustrado com textos, desenhos, fotos, colagens. A professora organizava o tempo das aulas com os alunos para que dessem conta das novas demandas. Conversava com eles também sobre a necessidade de dedicar tempo para a revisão dos textos que apareceriam no álbum. Programava o modo como chegariam às informações sobre os homens e seus alimentos. Uma das crianças lembrou-se da coleção de revistas que tinham no armário da sala, além da enciclopédia sobre animais. Fizeram referência também ao computador com acesso à internet que havia na escola. Mobilizavam de vários modos o que já sabiam, para descobrir caminhos que pudessem levá-los às informações desejadas. Do espanto inicial de pensar em formigas e rãs como alimentos, e até de rejeitar com veemência essa ideia, alguns alunos iam se abrindo para dúvidas: será possível?

A revista *Ciência Hoje das Crianças* vem sendo uma grande aliada para o trabalho de Neli, ajudando-a bastante tanto a aprender sobre assuntos que não conhece quanto a desenvolver nas crianças a curiosidade e o prazer pelo conhecimento. Ela também ficara meio surpresa com as falas das mães... Ao buscar nas citadas revistas material para fomentar a reflexão e o conhecimento sobre alimentos consumidos por pessoas de diferentes culturas, encontrou o texto de divulgação científica intitulado *Insetos à mesa – Fritos, torrados, moídos... Escolha o seu e bom apetite!*, que se encontra anexado ao final do

UNIDADE 1 – 23/05/2017

artigo. Ao tomar conhecimento de hábitos alimentares tão diferentes dos nossos – brasileiros, moradores de zonas urbanas do estado do Rio de Janeiro –, ficou imaginando a reação de seus alunos! Comer biscoitos feitos de larvas do bicho-da-seda? Temperar a comida com percevejos moídos e apimentados?

II – A prática pedagógica como prática discursiva

O relato acima apresenta aspectos da dinâmica de uma sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, que nesta parte vamos analisar, destacando algumas questões. Acrescentaremos também informações complementares que sejam necessárias à compreensão da prática da professora.

A primeira grande questão diz respeito ao foco do trabalho pedagógico em realização. Esse trabalho elege a linguagem como eixo norteador. Intensas e significativas atividades voltadas para a oralidade, leitura e escrita sobressaem de várias maneiras, no desenrolar das aulas. Outras formas de expressão permeiam também o cotidiano escolar, em forma de desenhos, fotografias, colagens, músicas, além da gama variada de temas originados em áreas de conhecimento como a História, a Biologia, a Matemática, a Antropologia, a Literatura, entre muitas outras.

A professora organiza e planeja o desenvolvimento das aulas, levando em conta os conhecimentos definidos com seus colegas professores para serem abordados durante o 3º ano de escolaridade, dando atenção à continuidade ao processo de ensino iniciado nos anos anteriores. Nesse contexto, Neli apresenta aos alunos temas e propostas de trabalho, abrindo espaço para que eles também possam sugerir caminhos, textos e atividades. Outro ponto considerado nas aulas de Neli são os fatos imprevistos, aqueles que emergem, que acontecem nas aulas e mobilizam os alunos, gerando novas demandas de conhecimentos, como foi visto acima com as falas de duas mães.

A sala de aula abrange, desse modo, tanto espaço para temas e ações planejados quanto espaço para temas e ações pensados e propostos pelas crianças, e ainda para temas e ações novos, que se originam no próprio acontecimento das aulas, no movimento de encontro de crianças e professora, vivenciando o processo de ensino-aprendizagem. Todo esse movimento, seja qual for o tema e a ação, se concretiza por meio de discursos orais e escritos. Quando utilizamos a palavra discurso, estamos nos referindo à produção de

UNIDADE 1 – 23/05/2017

linguagem como prática social, contextualizada como atividade humana histórica, impregnada de sentidos, de valores, de emoções (Bakhtin, 1988). Como afirma Geraldi (1993, p.14), e pode ser pensado também em relação à escola:

O trabalho linguístico é contínuo, realizado por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes formações sociais, dentro das quais diferentes sistemas de referência se cruzam (e se digladiam), a língua que se vai constituindo mantém-se porque se modifica.

A natureza social da linguagem se constitui e é vivida na escola principalmente por meio de interações entre professores, professores e alunos, entre alunos, entre alunos e famílias. Mediada por textos, a linguagem circula, explicitando diferenças, divergências, dúvidas, certezas. Nessa circulação, novos sentidos são criados, outros são ressignificados, novas aprendizagens ocorrem. A troca que acontece é uma fonte inesgotável de saberes. E como ocorre a aprendizagem nessa perspectiva? Ou melhor, como se constroem conhecimentos no espaço escolar? Segundo Colinvaux (2007), aprender é um processo voltado para a apropriação de sistemas de conhecimentos, que se originam nas ciências naturais e sociais, e de suas linguagens próprias. A autora afirma que “aprender os conteúdos escolares envolve, ainda, apropriar-se de seus usos para ler e interpretar a realidade, para resolver problemas e/ou para fundamentar determinadas ações no/sobre o mundo”.

Destaco na posição teórica acima a palavra *processo*, que inclui a compreensão de algo que se desenvolve dinamicamente no tempo, algo que é preciso entender ao longo de períodos de tempo, algo que está em movimento, que não é estático. Como lembra Colinvaux, “se aprender é processo, então não é ‘uma questão de tudo ou nada’, para tomar emprestada a feliz expressão de Coll Salvador (1994)”, não é uma questão de aprendeu ou não aprendeu. Aprender é construir novos significados a partir do que já conhecemos, num contínuo ir e vir de estabilidades e instabilidades. Dependendo do modo como ensinamos, provocamos os alunos a se colocarem com cabeças, olhos e corações sempre abertos a novas possibilidades de conhecer, de rever o que sabemos, renovando nossos conhecimentos, emoções e valores. A renovação nos possibilita ler, interpretar e dizer a realidade de modos novos.

Unimos aqui os conceitos de *discurso*, *aprender* e *processo* para refletir sobre o papel da linguagem nos processos de ensino-aprendizagem que acontecem na sala de aula e que

UNIDADE 1 – 23/05/2017

não se separam dos processos de aprendizagem que acontecem na vida das pessoas. Embora aprender na vida e aprender na escola tenham suas especificidades, essas formas estão nos conjuntos de sentidos que vamos dando ao mundo por meio de nossas palavras, textos, discursos – orais e escritos. A vida escolar dialoga com a vida fora da escola, uma alimentando a outra. Na turma da professora Neli, por exemplo, as palavras das mães e responsáveis pelas crianças, trazidas para a sala de aula, introduzem novas perspectivas de conhecer, novos conteúdos, movimentando a arena de discursos de modo complexo e vivo.

A sala de aula se constitui, assim, como um espaço povoado de práticas que dialogam. Atividades de leitura de vários tipos, atividades de produção escrita e atividades de análise de questões específicas, orientadas pela professora, demandadas ou não pelos alunos, são realizadas cotidianamente. O foco não são somente os temas dos textos, dos problemas e dos projetos, os resultados e os produtos; o foco são também os processos de elaboração das atividades, os caminhos possíveis, as histórias, os modos de raciocinar para chegar a determinadas respostas. Todos esses elementos são conteúdos escolares.

Do ponto de vista do trabalho com a linguagem na sala de aula, que permeia todas as atividades, tanto macroaspectos quanto microaspectos devem se tornar objeto de atenção (Goulart, 2005). Estabeleço uma separação entre microaspectos e macroaspectos por uma necessidade metodológica, para facilitar o diálogo com os professores. Não há atribuição de valor nessa separação e tampouco prioridade de uma categoria sobre a outra; na verdade, no processo de alfabetização, os micro e os macroaspectos devem se inter-relacionar complexamente, já que têm papéis fundamentais na produção de sentido na leitura e na produção textual. Os microaspectos estão relacionados à organização espacial do texto no papel; ao espaço entre palavras; à relação entre fonemas e grafemas, envolvendo os modos como a escrita representa a camada sonora da fala, regularidades e irregularidades ortográficas; padrões silábicos; sinais de pontuação e de acentuação; desenho/caligrafia das letras, todos esses aspectos vistos como conhecimentos complexos, isto é, que não se somam, mas significam nas relações que estabelecem uns com os outros, e assim podem ser trabalhados.

Os macroaspectos se relacionam ao conhecimento das instituições, atividades e situações sociais em que diferentes textos e portadores de textos se produzem; à organização discursiva dos textos e de suas partes; a gêneros discursivos e suas

UNIDADE 1 – 23/05/2017

particularidades, estruturas, construções sintáticas, seleção de vocabulário e modos como os textos significam. A aliança entre os microaspectos e os macroaspectos do processo de aprendizagem da linguagem escrita vem recentemente merecendo a atenção de pesquisadores e professores. Historicamente se observa uma tendência para se privilegiarem uns ou outros (Goulart, 2005). De uma forma e de outra, conhecimentos importantes são deixados de lado no processo de aprendizagem da escrita. Na dimensão de constituir sujeitos letrados, as duas perspectivas devem ser contempladas. A escola não pode abster-se de criar condições discursivas que favoreçam a emergência de múltiplas atividades de linguagem que levem os alunos a se apropriarem de diferentes modos de ler e dizer o mundo, incluindo os saberes de variadas ordens e áreas aí implicados. Tais condições são fundamentais para a formação de sujeitos letrados.

III – O letramento como contexto e como horizonte político da organização do trabalho escolar

Como pôde ser acompanhado no breve relato de aspectos da prática pedagógica da professora Neli, na primeira parte do artigo, a atividade pedagógica implica espaço para reflexão e ação das crianças e dos professores. As atividades linguísticas têm papel fundamental no trabalho escolar, já que a língua constitui a nossa identidade e nosso conhecimento, constituindo-nos como sujeitos sociais. Por meio dela nos expressamos, interagimos, sofremos, lutamos, sonhamos.

No sentido discutido por Gentili (2000, p. 149), da cidadania como prática construtiva, “a formação de cidadãos e cidadãs é, ao mesmo tempo, um desafio ético e político. No desafio ético da formação cidadã, se põe em jogo o caráter constitutivamente político da ação educativa”. O mesmo autor destaca que a formação da cidadania supõe a possibilidade de criação de espaços educativos em que os alunos questionem, pensem, assumam e submetam à crítica os valores, as normas e os direitos morais pertencentes a indivíduos, grupos e comunidades, inclusive os seus próprios – apontamentos que nos ajudam a delinear eixos para nossas propostas pedagógicas.

UNIDADE 1 – 23/05/2017

Considerando a importância do conhecimento da leitura e da escrita para a ampliação de nossa cidadania, entendemos que a noção de letramento seja o contexto e o horizonte político da organização do trabalho escolar. Ou seja, a ação pedagógica deve ser planejada e vivida no sentido do conjunto de práticas sociais escritas e dos conhecimentos e objetos criados no mundo da escrita, permeada por práticas orais. Os alunos devem ter oportunidade de viver a língua na sua complexidade e heterogeneidade, compreendendo o valor social que a chamada norma culta possui, mas reconhecendo a legitimidade de outros modos de utilizar a língua, apropriando-se deles. Como diz Bechara (2000):

A democratização do ensino consiste em que o professor não acastele o seu aluno na língua culta, pensando que só a língua culta é a maneira que ele tem para se expressar; nem tampouco aquele professor populista que acha que a língua deve ser livre (...). Não, o professor deve fazer com que o aluno aprenda o maior número de usos possíveis, e que o aluno saiba escolher e saiba eleger as formas exemplares para os momentos de maior necessidade, em que ele tenha que se expressar com responsabilidade cultural, política, social, artística etc.

E continua o professor Bechara:

E isso fazendo, o professor transforma o aluno num poliglota dentro da sua própria língua. Como, de manhã, a pessoa abre o seu guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação linguística, um guarda-roupa linguístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar...

A noção de letramento ganha relevância na prática pedagógica ao tornar visíveis alguns aspectos que ficavam de certo modo obscurecidos na tradição tanto da alfabetização quanto do ensino de língua portuguesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho com as variedades linguísticas é um deles.

A escola é o espaço em que conhecemos e aprendemos sobre o mundo e sobre a ação/trabalho e a relação dos homens no mundo; assim, na escola, cada um de nós encorpa a dimensão e a experiência humana, recriando-se como pessoa inserida na sociedade em que vive, conhecendo-lhes as possibilidades e os limites. Assim também, cada um de nós se universaliza e se individualiza, se identifica e se diferencia. Nesse sentido, a escola é um lugar de ensino e aprendizagem, canal aberto para que, transitando entre os conhecimentos

UNIDADE 1 – 23/05/2017

produzidos no passado e no presente, e perspectivando o futuro, possamos produzir novos conhecimentos e novas possibilidades de vida. A escola tem a responsabilidade política de gerar contextos e práticas pedagógicas capazes de fundamentar o exercício de uma cidadania crítica, possibilitando o acesso dos jovens a novos mundos e a novas linguagens (Castro, 2005).

Como professores, não devemos abrir mão de definir com os alunos os rumos das ações que se desenvolvem na sala de aula. Não devemos perder a capacidade de ousar e de criar, especialmente em face de “pacotes educacionais” que nos têm sido impostos para nos paralisar, silenciar. Esses modelos de alfabetização e de educação negam as vozes, as experiências e as histórias de professores e alunos.

Neli é um exemplo de profissional que aceita o desafio de ser professora, de viver a sua profissão sem fugir do compromisso ético e político que a envolve. Podem-se comer formigas e rãs, mas não se podem engolir sapos.

Referências:

- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BECHARA, Evanildo. *A norma culta face à democratização do ensino*. Conferência realizada na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 04/07/2000.
- CASTRO, Rui Vieira. Entrevista conduzida por Ricardo Jorge Costa. *Jornal A Página da Educação*, n. 150, ano 14, novembro de 2005, p. 11.
- COLINVAUX, Dominique. Aprendizagem e construção/constituição de conhecimento: reflexões teórico-metodológicas. *Revista Pro-posições*, Campinas, set-dez, 2007.
- COLL SALVADOR, C. Significado e sentido na aprendizagem escolar: reflexões em torno do conceito de aprendizagem significativa. In: *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.145-159.

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO ALFABETIZAÇÃO 2017

UNIDADE 1 – 23/05/2017

GENTILI, Pablo. Qual educação para qual cidadania? Reflexões sobre a formação do sujeito democrático. In: AZEVEDO, J. C.; GENTILI, P.; KRUG, A.; SIMON, C. (Orgs.) *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 143-156.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GOULART, Cecília M. A. Alfabetização e letramento: discutindo aspectos do processo de ensinar e aprender e da prática pedagógica. Caderno do Professor, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2005.

Revista Ciência Hoje das Crianças on-line. <http://cienciahoje.uol.com.br/view/418>

Publicado em: NASCIMENTO, Anelise Monteiro (Org.). Educação infantil e ensino fundamental: contextos, práticas e pesquisas. Rio de Janeiro: Nau Editora: EDUR, 2011, p. 123-135. (Coleção Docência.doc, v. 4)

UNIDADE 1 – 23/05/2017

Anexo

<http://www.cienciahoje.org.br/47405>

**Insetos à mesa - Fritos, torrados, moídos...
Escolha o seu e bom apetite!**

Imaginar-se devorando um prato de insetos pode despertar pavor ou nojo em muita gente. Mas sabia que, em diversos países, os insetos são iguarias de dar água na boca? Detalhe: eles também são nutritivos!

No Japão e na China, larvas do bicho-da-seda são usadas para fazer biscoitos. Na Tailândia, mais de 90 espécies de insetos são apreciadas fritas, torradas e temperadas. No México, percevejos são vendidos crus, moídos com pimenta, para serem usados como condimento na comida. Na zona rural mexicana, costuma-se mastigar a parte superior do abdômen dos percevejos e sugar o seu conteúdo – dizem que é um bom remédio para reumatismo.

Até mesmo no Brasil os insetos estão à mesa. Em nosso país, eles são consumidos como alimento por populações indígenas e rurais. As formigas tanajuras, por exemplo, são fritas no próprio óleo que soltam ao serem esquentadas. Misturadas ao arroz e feijão, substituem a carne no prato de muitos brasileiros. E olha que isso faz sentido...

No planeta, mais de duas mil espécies de insetos são usadas como alimento. O curioso é que esses animais apresentam alguns nutrientes em comum com a carne do boi e da galinha, só que em maior quantidade. A formiga tanajura ou saúva, por exemplo, tem mais ou menos o dobro de proteínas do que o frango ou o boi, além de ser rica em vitaminas e sais minerais. É verdade que, assim como a casca da maçã, o esqueleto externo dos insetos não é digerido pelo ser humano, mas, por corresponder a uma pequena parte do corpo desses animais, não afeta o seu valor nutritivo.

Não é para menos, então, que os insetos estão no cardápio de muitos povos. Seja na forma adulta, como larva ou mesmo quando nem saíram dos ovos, besouros, percevejos, gafanhotos, formigas e até borboletas são consumidos.



Percevejos comestíveis vendidos no México.

(foto: Eraldo Costa Neto)

UNIDADE 1 – 23/05/2017

Um hábito desconhecido

Chamado de antroentomofagia (*antropo* = homem, *entomo* = insetos, *fagia* = comer), o hábito humano de comer insetos é ainda desconhecido por grande parte da população mundial. Já quem sabe da sua existência costuma encará-lo com desprezo. Afinal, nem todo mundo aprecia ter uma formiga ou um percevejo no prato. Mas por que isso acontece?

Por muito tempo, os insetos foram vistos apenas como seres nocivos, transmissores de doenças. Como poderiam servir de alimento? Pois a ciência considera uma bobagem não inserirmos na dieta insetos sabidamente comestíveis – aqueles que não absorvem substâncias tóxicas de plantas e nem as produzem em seu organismo –, pois eles apresentam um alto valor nutritivo.

“A repugnância pelo consumo de insetos faz com que uma quantidade considerável de proteína animal não chegue à mesa daqueles que sofrem com a fome e a desnutrição”, afirma Eraldo Medeiros Costa Neto, da Universidade de Feira de Santana, na Bahia, que estuda o valor nutritivo dos insetos. Você sabia, por exemplo, que o consumo de dez larvas grandes de uma espécie de mariposa australiana é suficiente para fornecer as necessidades diárias de proteína de um adulto?

Pois a partir de agora, ao se deparar com algum inseto voando pela casa, não se apavore, mas também não corra atrás do animal pensando em servi-lo no jantar. Antes de mudar seus hábitos alimentares, procure se informar sobre as espécies que são comestíveis e nutritivas, pois há espécies perigosas à saúde humana.



Venda de gafanhotos comestíveis na cidade de Oaxaca, México (reprodução)

Cathia Abreu

Ciência Hoje das Crianças

25/04/2006